

COM GRANDES PODERES VÊM GRANDES RESPONSABILIDADES: A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO COMO COMPROMISSO ÉTICO, POLÍTICO E EMANCIPADOR

Hávila Francisca Ferreira da Costa ¹

INTRODUÇÃO

“Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.” Originária do universo da cultura pop, eternizada nas páginas da HQ *Amazing Fantasy* nº 15 (1962), de Stan Lee e Steve Ditko, a frase que marcou a origem do personagem Homem-Aranha transcende o entretenimento e consolidou-se como uma poderosa metáfora ética. No contexto educacional contemporâneo, ela nos oferece uma chave simbólica para pensar a formação do pedagogo como um processo que articula saber, poder e compromisso.

Em tempos marcados por desigualdades profundas, retrocessos democráticos, desvalorização da docência e esvaziamento político dos currículos formativos, torna-se urgente interrogar o lugar do educador como sujeito ético e político. Formar-se pedagogo hoje não significa apenas dominar conteúdos, técnicas e métodos de ensino. Significa, sobretudo, assumir responsabilidades diante da complexidade da vida social, dos desafios da escola pública e das múltiplas vozes que demandam escuta, reconhecimento e justiça. O poder de educar, de acessar e mediar saberes, de interpretar o mundo, de formar consciências, sem dúvida, um dos mais significativos poderes sociais. E com ele vem o dever de resistir à naturalização das violências, de enfrentar o autoritarismo pedagógico e de afirmar a escola como espaço de direitos.

Neste artigo, propomos analisar criticamente a formação do pedagogo à luz dessa metáfora cultural e política, compreendendo o “poder” do educador como uma construção que se realiza a partir da articulação entre conhecimento teórico, sensibilidade ética e atuação transformadora. O objetivo geral é refletir sobre como a formação pedagógica pode integrar práticas e epistemologias que fortaleçam a responsabilidade social do educador e o potencial emancipador da escola. Como objetivos específicos, propomos: (i) mapear contribuições clássicas e contemporâneas sobre a formação docente crítica (FREIRE, 1996; HOOKS, 2013; WALSH, 2009); (ii) discutir a relação entre saber pedagógico e poder à luz das Epistemologias do Sul (SANTOS, 2009) e da Ética da Libertação (DUSSEL, 1993); e (iii) avaliar como práticas como estágio supervisionado,

¹ Pós-Graduada em Administração escolar, supervisão e orientação na UniCesumar, havilafcosta@gmail.com



extensão universitária e pesquisa-ação podem transformar o processo formativo em experiência crítica, ética e situada.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e analítico, com base em revisão bibliográfica e documental. A análise será construída a partir da articulação entre referenciais teóricos críticos (FREIRE, HOOKS, WALSH, SANTOS, DUSSEL), as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Pedagogia (DCNs), e estudos empíricos registrados em repositórios acadêmicos sobre experiências de formação docente. A análise dialético-crítica permitirá compreender as contradições entre o que se prescreve como formação e o que se realiza na prática formativa dos pedagogos e pedagogas em formação.

A reflexão destaca que a formação do pedagogo deve ser vista como uma travessia que vai além da técnica um percurso ético, político e afetivo, onde razão e emoção se unem, como propõe Catherine Walsh (2009) com o *corazonar*: pensar com o coração e sentir com a razão. Assim, formar pedagogos comprometidos com a transformação social e a valorização das diferenças é um imperativo no mundo atual. Educar é exercer poder um poder legítimo apenas quando serve à vida, à justiça e à construção de futuros possíveis.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação do pedagogo é um campo de disputas históricas e ideológicas, marcada por interesses que nem sempre dialogam com a realidade social. Mais do que formar profissionais para o mercado, trata-se de preparar sujeitos ético-políticos capazes de intervir criticamente nos processos educativos e sociais. O pedagogo atua em múltiplos espaços escolares, comunitários e institucionais com papel fundamental na promoção da cidadania e da justiça social.

Inspirada em Catherine Walsh (2009), essa formação deve ser decolonial, aberta ao diálogo entre saberes e ao *corazonar* — pensar com o coração e sentir com a razão. Como destaca Nóvoa (1992), o educador “torna-se” ao longo da vida, em um processo contínuo de reflexão e compromisso. Assim, estágios, projetos de extensão e práticas comunitárias tornam-se essenciais, pois aproximam teoria e realidade.

A dimensão afetiva também é central: ensinar é um ato de cuidado, escuta e empatia. Além disso, é preciso reconhecer as desigualdades que marcam o acesso ao ensino superior, especialmente entre mulheres negras e periféricas, cuja trajetória deve



ser valorizada como parte constitutiva da formação. Entre o saber e o compromisso, a ética é a ponte que sustenta uma pedagogia crítica, humanizadora e transformadora.

Ser pedagogo é existir em diálogo com o mundo. Inspirado em Paulo Freire, esse profissional compreende que a educação, embora não transforme o mundo sozinha, é condição indispensável para a mudança social. O pedagogo é agente de transformação quando escuta, problematiza e constrói o conhecimento a partir das vivências dos educandos.

Sua ação se revela na resistência ao currículo imposto, na valorização das diferenças e na defesa da escola como espaço de dignidade e cuidado. Atua não apenas em escolas, mas também em movimentos sociais, instituições e comunidades, mediando conflitos, fortalecendo vínculos e promovendo pertencimento.

A transformação pedagógica acontece nas pequenas ações do cotidiano e se sustenta na coragem de romper padrões, rever práticas e cultivar uma ética comprometida com a vida e com os direitos humanos. O pedagogo crítico age com consciência política, reconhecendo que a neutralidade é uma forma de convivência com a injustiça.

Educar é um ato político e, em contextos de opressão, um ato de resistência (Freire, 1996). A resistência pedagógica manifesta-se no cuidado, na escuta e na valorização dos saberes populares, em diálogo com as *epistemologias do sul* (Santos, 2009).

Como afirma bell hooks (2013), a sala de aula pode ser tanto um espaço de dominação quanto de libertação — depende do compromisso do educador com o diálogo e a crítica. A esperança, entendida por Freire (1997) como verbo de ação, é parte dessa resistência: esperar é lutar, construir e sonhar coletivamente.

Autores como Dussel (1993) e Benjamin (2012) reforçam a importância de uma ética da libertação e da memória ativa — educar é reavivar o que foi silenciado pela história. Catherine Walsh (2009) propõe o *corazonar* como caminho para unir razão e emoção, corpo e território, na prática educativa. Formar pedagogos resistentes e esperançosos é, portanto, uma urgência. A formação crítica e afetiva é o que possibilita ao educador transformar a escola em espaço de vida, dignidade e possibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidencia que o poder pedagógico se manifesta não pela autoridade formal, mas pela capacidade do educador de criar vínculos, promover o pensamento crítico e agir eticamente. Como afirma Paulo Freire (1996), educar é um ato político e,



portanto, não há neutralidade possível. O pedagogo comprometido com a vida e com a justiça social reconhece que sua prática é também uma forma de resistência. Nesse sentido, ensinar torna-se, como defende bell hooks (2013), um ato de esperança e de transformação, capaz de afirmar a potência dos sujeitos mesmo em contextos adversos.

A formação docente, para ser efetiva, precisa integrar razão e emoção, teoria e prática, como propõe Catherine Walsh (2009) com a pedagogia do *corazonar*. Em diálogo com Boaventura de Sousa Santos (2009) e Walter Benjamin (2012), compreende-se que educar implica valorizar saberes plurais e memórias silenciadas, reconhecendo a educação como espaço de reconstrução e libertação. Assim, formar-se pedagogo é assumir uma postura ética, afetiva e decolonial, comprometida com a transformação social e com a humanização dos processos educativos.

Nesse contexto, as práticas formativas, como o estágio supervisionado, a extensão universitária e a pesquisa-ação, mostram-se fundamentais para concretizar a articulação entre teoria e realidade. O estágio permite ao futuro pedagogo vivenciar os desafios cotidianos da escola e refletir criticamente sobre sua prática; a extensão amplia o diálogo com comunidades, fortalecendo o compromisso social e político da formação; e a pesquisa-ação possibilita que o educador se torne sujeito de sua própria transformação, produzindo saberes a partir da experiência. Essas dimensões práticas consolidam a formação como travessia ética, política e emancipadora, reafirmando que o poder de educar é legítimo apenas quando serve à vida, à justiça e à esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta reflexão reafirmam que a formação do pedagogo é, simultaneamente, um exercício de poder e de responsabilidade. O poder educativo não se traduz em controle, mas em mediação, diálogo e compromisso ético com a vida. Formar-se pedagogo é construir um percurso que integra saber, afeto e luta por justiça social, reconhecendo que ensinar é sempre um ato político e transformador.

As análises confirmam que o educador crítico e esperançoso atua como semeador de futuros, transformando o espaço educativo em território de possibilidades. Seu papel ultrapassa a mera transmissão de conteúdos: ele cultiva vínculos, promove emancipação e reafirma a centralidade do humano no processo formativo. Tal perspectiva dialoga com as contribuições de Paulo Freire (1996, 1997) e bell hooks (2013), que veem no ensino um gesto de resistência e esperança.



Constatou-se ainda que o estágio supervisionado, a extensão universitária e a pesquisa-ação são dimensões formativas essenciais, pois permitem vivenciar a complexidade da prática pedagógica, fortalecer a reflexão crítica e transformar o conhecimento em ação social. Essas experiências concretizam o ideal de uma formação ética, política e emancipadora, que articula teoria e prática de modo indissociável.

A pesquisa evidencia, portanto, a urgência de práticas formativas decoloniais, que valorizem saberes plurais, memórias marginalizadas e epistemologias do sul, fortalecendo o caráter social e político da pedagogia. Reforça-se, assim, a importância de universidades comprometidas com a vida, a justiça e a dignidade humana, abrindo espaço para novas investigações sobre a integração das dimensões éticas e afetivas na formação docente.

Que o pedagogo, ao exercer seu poder, o faça sempre a serviço da vida e da esperança, pois educar é, acima de tudo, um ato de fé no futuro um compromisso ético com a humanidade e com a possibilidade de transformar o mundo por meio da educação.

Palavras-chave: Formação Docente; Ética E Emancipação, Pedagogia crítica, Corazonar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 7. ed. **Petrópolis**, RJ: Vozes, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: **Brasiliense**, 2012.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 5. ed. São Paulo: **Cortez**, 2009.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. **Petrópolis**: **Vozes**, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 1997.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: **WMF Martins Fontes**, 2013.



SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: **Cortez**, 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um olhar a partir da diferença colonial. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação e diversidade cultural: desafios teóricos e pedagógicos*. **Petrópolis: Vozes**, 2009. p. 49-72.

